



CABRA-MACHO, SIM SENHOR! UM ESTUDO SOBRE A MASCULINIDADE NO NORDESTE DO BRASIL

Maria das Dores Honório¹

Constantemente me questiono o que é ser homem hoje e o que é ser homem no Nordeste. O que faz do homem nordestino uma representação do *macho*, *cabra-macho*, *cabra-da-pestes*, um ser viril, corajoso, valente, destemido. Existe uma afirmação desse *ser macho*? Por que esta afirmação?

A crença num princípio universal da masculinidade que se encontra na natureza com a diferença sexual, é contraditoriamente posta em questão quando se diz *seja homem* ou *prove que você é homem*. É como se constantemente o homem tivesse que provar a sua masculinidade, a sua virilidade. Dessa forma, a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural. Ela é um valor social, um ideal a ser conquistado. Uma construção diária que requer sacrifícios, deveres, provações, sofrimento. No âmbito dos estudos de gênero, a masculinidade pode ser definida como um conjunto de valores ou idéias que os homens conhecem (modelo central de masculinidade) e procuram aplicar e que exerce um controle social sobre os mesmos: *no modo de falar, o que se diz, o modo de usar o corpo, a roupa, as atitudes a tomar perante situações de tensão, conflito, emotividade (...) um conjunto de significados, herdados do passado, exteriores à vontade individual de cada homem* (Almeida, 1995:242). São atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados, em constante processo de construção, que se diferenciam ao longo do tempo, nas classes e segmentos sociais.

Com as mudanças econômicas e sociais provocadas pela industrialização e a urbanização na Europa e Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, surgiram novas formas de organização do Estado, de relações familiares, acarretando alteração nos papéis de gênero, tornando possível novas formas de identidade e fazendo surgir uma nova mulher. Segundo Elisabeth Badinter (1993), é nesse contexto que surge a crise da masculinidade², momentaneamente interrompida com a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, quando os homens encontraram novamente seu papel de guerreiro e de dominadores: de homens de verdade.

¹ Maria das Dores Honório, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara/SP. E-mail: dorahonorio@ig.com.br

² A escritora francesa Elisabeth Badinter (1993) referencia que a masculinidade está em crise e que esta foi iniciada entre os séculos XVII e XVIII, provocada por um questionamento das mulheres com relação aos valores dominantes - dos homens - e que repercutiram na organização da família e do trabalho. Essas crises se deram em países onde as mulheres desfrutavam de uma liberdade maior, como a França e a Inglaterra. Para a autora, uma nova crise foi iniciada no final do século XIX.



A masculinidade como temática a ser pesquisada surgiu com as discussões acerca das dimensões políticas da identidade, expressadas pelos “novos movimentos sociais” da década de 1960, especificamente pós 1968, como as revoltas estudantis de maio de 68 em Paris, os movimentos de contracultura, o movimento feminista e o movimento *gay*, que provocaram alterações nas relações sociais. O movimento feminista, primeiro nos Estados Unidos, nos anos 1960, depois na Europa, no início dos anos 1970 e difundindo-se pelo mundo nas duas décadas seguintes, vai discutir as relações afetivo-sexuais dentro das relações íntimas (Velasco e Cruz, 1982; Castells, 1999; Scavone, 2008). O feminismo, cujo slogan era “o pessoal é político”, questionou a clássica distinção entre público e privado ao colocar aspectos da vida privada da mulher como a família, a sexualidade e o trabalho doméstico em pauta para a contestação política e pôs em discussão a questão da diferença sexual ao questionar a noção de que homens e mulheres faziam parte da mesma identidade (Fraser, 2007; Almeida, 1995). A partir da compreensão de que estudar a mulher implicava remeter-se ao homem, os estudos feministas evoluíram para abordar as relações de gênero.

O conceito de gênero, produzido na década de 1970, inicialmente sob os “estudos de mulheres”, introduziu a dimensão da relação entre os sexos como uma relação social construída, que permite entender a organização social da diferença sexual. Isto implicava no pressuposto de que as relações entre os gêneros eram, na base, relações de poder, de assimetria e desigualdade. Podemos dizer que foi no contexto dos movimentos feministas e *gay*, movimentos estes que levaram os homens a refletirem sobre seus comportamentos e posicionamentos diante das relações sociais (Oliveira, 1998) e do seu lugar hegemônico na sociedade, que a masculinidade começou a ser intensamente discutida, principalmente nos Estados Unidos, com o surgimento dos *men’s studies*. O homem, categoria naturalizada por séculos, se vê questionado em sua posição enquanto sujeito, confrontado com o surgimento de novos discursos e novos sujeitos que estavam se constituindo. Inicia-se uma discussão em torno da diferenciação da masculinidade a partir da classe, da raça, da idade, da preferência sexual, o que possibilita pensar em masculinidades múltiplas. O objetivo dos *men’s studies* era romper com esse esquema da diferenciação sexual que contrapõe masculino-feminino, macho-fêmea e que se estende para a vida social, definindo o privado – feminino, mulher – e o público – masculino, homem; uma complementarização dos sexos e uma hierarquia; uma prática discursiva que legitima uma posição dominante dos homens e uma subordinação da mulher.



A discussão em torno do gênero se intensificou nesse período, com diferentes perspectivas, como a de Gayle Rubin³, em 1975, sobre os sistemas de sexo-gênero ou matriz heterossexual do pensamento universal, *uma série de arranjos onde a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas* (Rubin, s/d, p. 3). O objetivo era separar a dimensão biológica do “sexo orgânico”, anatômico – dado da natureza – das dimensões simbólicas e culturais. Rubin se propôs investigar quais relações sociais geram a subordinação da mulher.

O conceito de gênero como categoria de análise, como um meio de falar da organização social da relação entre os sexos, só emergiu no final do século XX, em 1990, quando Joan Scott, a partir de uma perspectiva histórica, definiu o gênero como *um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder* (1990:14). Scott vincula o gênero à dinâmica do poder quando diz que ele é uma primeira maneira de dar eficácia à significação das relações de poder no ocidente: é um campo, não o único, no qual o poder é articulado.

O que foi exploratório na década de 1970 acerca dos estudos sobre os homens, avança-se para uma maior consistência nas décadas de 1980 e 1990 com os estudos sobre a masculinidade. As pesquisas sobre a aids e a sexualidade, nos anos 1980, contribuíram enormemente para o desenvolvimento dessas discussões. O surgimento da aids teve uma relevância fundamental, pois suscitou debates em torno de temas tabus como a relação extraconjugal homo-orientada e uma reação do movimento *gay* ao recrudescimento do preconceito e do estigma aos que eram considerados disseminadores da doença (Oliveira, 2004).

Podemos dizer que os estudos sobre a masculinidade demonstram que não existe uma única forma de ser homem. Há vários modelos de masculinidade construídas de acordo com a inserção do homem na estrutura social, política, econômica e cultural e que não é sempre igual; ela acarreta contestação por parte de outros homens, provocando o surgimento de masculinidades alternativas ou subordinadas a esse modelo central, dominante. Dentre as inúmeras masculinidades, haveria uma que seria considerada um ideal cultural de masculinidade, a *hegemônica*, e existiriam outras que manteriam relações de subordinação, aproximação ou de marginalização em relação a esta. Esse modelo ideal é um consenso vivido, centrado na heterossexualidade, que legitima uma forma de dominação em que o gênero marca ascendência ou subordinação e que se reproduz como um processo natural principalmente através do corpo.

³ RUBIN, Gayle. O Tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do sexo (mimeo).



No Brasil, as discussões em torno da temática masculinidade foram iniciadas na década de 1980, a partir da realização de um “Simpósio do Homem”, quando apontou-se para uma crise do homem provocada por transformações no comportamento das mulheres, na moral sexual e por um questionamento da posição de dominação masculina na sociedade. Essa crise se deu nos homens de camadas médias, intelectualizadas, de uma determinada faixa etária, que contestaram valores herdados por seus pais e que vivenciaram os movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970 (Lisboa, 1998).

Estudos realizados nas regiões sul e sudeste corroboram com a idéia de que as construções de masculinidade e feminilidade se dão historicamente através da cultura e pertencem à ordem do social, ao universo simbólico. Dentre esses estudos, destacamos as pesquisas realizadas com jovens em uma favela carioca (Monteiro, 1999a; 1999b), com homens e mulheres de segmentos de camadas médias e populares do Rio de Janeiro (Heilborn, 1998; 1999; 2003), com meninos de rua de Porto Alegre (Leczneiski, 1993) e pesquisas realizadas no Distrito Federal com prisioneiros apenados por crimes de estupro, agressores acusados de violência física contra suas companheiras e jovens infratores (Machado, 2004), que confirmam que as representações masculinas estão baseadas em normas de gênero, prevalecendo o “imaginário erótico cultural” segundo o qual a iniciativa sexual é masculina, sendo o feminino o objeto sexual por excelência.

Simone Monteiro (Op. Cit.) constatou que, para os meninos, a sexualidade está vinculada à virilidade. As percepções dos entrevistados referentes ao universo feminino indicam mecanismos de controle da conduta sexual feminina, valorização da virgindade e um nexos entre sexo e vínculo amoroso. As visões acerca do mundo dos homens falam de como a sexualidade está conectada à virilidade, manifestada na tomada de iniciativa, na sedução e na dominação, assim como numa distinção entre relação amorosa e aprendizagem sexual. Os jovens pesquisados tendem a atualizar os valores tradicionais de gênero, demarcando as esferas masculina e feminina e supondo uma supremacia da primeira em relação à segunda. Para Maria Luíza Heilborn (Op. Cit.), existe uma oposição entre a iniciativa masculina e a ausência de iniciativa feminina, e a atividade sexual masculina, dissociada da experiência afetiva, aparece como um aprendizado técnico para os homens, ou seja, como um rito de passagem para a constituição da virilidade. Lisiane Leczneiski (Op. Cit.) afirma que, no processo de construção da identidade masculina, é fundamental ter atributos físicos e morais necessários à competição entre os pares. Os componentes centrais dessa identidade são a honra e a virilidade. A honra é construída em torno da força, da coragem e da virilidade e a defesa dela é a causa de brigas e duelos. Lia Zanota Machado (Op. Cit.) argumenta na



perspectiva de uma articulação entre masculinidade e uma concepção de sexualidade que antagoniza o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade. A virilidade supõe a disponibilidade para a atividade sexual e está associada ao lugar simbólico do masculino como aquele que toma a iniciativa sexual. *No campo do imaginário da sexualidade ocidental, o homem se apodera e tem a iniciativa, encontrando a mulher, una e indiferenciada, que se esquivava para seduzir e seduz para se esquivar* (2004:46).

O nordeste e o homem nordestino

Enrijecimento de organismo potente; tipo fisicamente constituído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d'égua; (...) homem de gênio forte; cabra se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nu, de brincadeira com os outros, com os gestos dos touros, de pernas abertas e membro em riste, no deboche, na gargalhada; (...) uma rajada de saúde e força; músculos salientes e mãos calosas; mãos que seguram o fumo de corda e o canivete com que faz o cigarro de palha; mãos que manejam o chicote, o rebenque e a repetição, que manejam os facões, os machados e as foices, derrubando árvores e homens, jogando para longe matas, inimigos e assombrações; rosto picado de bexiga, fechado e soturno, contraído de raiva, que vê raios e ouve trovões, escuta o miado das onças e o silvo das cobras; cabra macho que luta como Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que de noite vai pro sermão, que reza para Padre Cícero e fala com Frei Damião; homem que prefere morrer a ser desonrado. (...) Eis o nordestino⁴.

Tanto a nação como as regiões são recortes espaciais, geográficos, produtos históricos e sociais. O Nordeste não existiu sempre como uma região, mas a partir de histórias, práticas, costumes, discursos que possibilitam dizer que é uma região que teve um começo. Segundo Durval M. de Albuquerque Jr (2003; 2008), o recorte espacial Nordeste surgiu no final do século XIX e início do século XX, a partir de práticas e discursos das elites do Norte do país - produtores, comerciantes e intelectuais -, como uma reação à perda de espaços políticos e econômicos no cenário nacional e de sua provável subordinação ao sul do país. Inicialmente designando os habitantes de uma área compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, o termo Nordeste foi ganhando conteúdo histórico, cultural, econômico, político e artístico, até a elaboração de um tipo regional nordestino, nos anos 1920, através de um discurso político e de um movimento cultural regionalista encabeçado por Gilberto Freyre, em Recife. Congregando políticos e intelectuais de Pernambuco e dos estados identificados como nordestinos, a proposta do movimento era contribuir para traçar o perfil do homem da região através do resgate das tradições rural e patriarcal, que se daria com a produção cultural e artística. Todas essas práticas e discursos, além do combate ao cangaço, as revoltas messiânicas e os conchavos políticos das elites para a obtenção e manutenção

⁴ Albuquerque Jr, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo* - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003 - a partir das obras de ALMEIDA, J. A. de (*A Bagaceira*), CUNHA, E. da (*Os Sertões*), QUEIROZ, R. de (*O Quinze*) e RÉGO, J. L. do (*Meus Verdes Anos*) - , pag. 19-20.



de privilégios do governo nacional, contribuíram para a institucionalização da idéia de Nordeste e de nordestino. Para esse movimento, era preciso criar um novo homem, que preservasse antigas tradições e costumes, que resgatasse o modelo de masculinidade e virilidade, que fosse capaz de reagir à feminização da sociedade que o mundo moderno trazia e que garantisse a predominância econômica e política que a região havia perdido.

Assim, o nordestino é construído como uma figura masculina, *um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava* (Albuquerque Jr, 2003:62). A identidade nordestina emerge ligada aos elementos fundantes da região como o sertanejo, o praieiro, o senhor de engenho ou o coronel, o caboclo, o matuto, o cangaceiro ou o jagunço, o beato e o retirante, pautado na força, na coragem e na virilidade. Para Albuquerque Jr, a emergência de uma identidade nordestina se dá num contexto em que a masculinidade no ocidente passa por uma crise⁵, provocada pelas transformações oriundas da industrialização, e que é vivenciada pelos homens das elites brasileiras, principalmente no Nordeste. A região é vista como se estivesse se feminizando, se horizontalizando e em declínio econômico e político, precisando de um tipo viril, masculino, *macho*, capaz de reagir contra a passividade e diversidades da região. *A nordestinidade* implica uma identidade de gênero, pois ela se relaciona diretamente com a masculinidade.

Este resumo aborda um estudo sócio-antropológico em curso que objetiva investigar como se produz e reproduz a masculinidade dominante no Nordeste do Brasil, dentro dos estudos de gênero. O que é ser masculino hoje no Nordeste? O que significa construir uma identidade masculina através da procura do *machismo*? As representações de *machão*, *valente*, *cabra-macho*, *cabra-da-pesto* correspondem à realidade ou há uma nova forma de ser homem hoje? Há a necessidade de afirmação destes valores? Assim, analisar como esse modelo de masculinidade está associado à imagem do homem forte, viril, valente nas representações de homens da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte; que outras representações de masculinidade podem ser percebidas ou até que ponto podemos dizer que esse homem é, ele mesmo, *vítima* desse modelo hegemônico de masculinidade em nível local.

A escassa produção de estudos sobre a masculinidade no Nordeste da segunda metade do século XX em diante faz prevalecer essas representações de *machão*, como símbolo do homem “viril”, “valentão”, “bravo”, “temido”, “corajoso”, “capaz de tudo”. Propomos destacar formas

⁵ Ver Badinter (Op. Cit.).



específicas na análise do estudo sobre essa masculinidade hoje, que podem estar referidas em uma nova forma de viver e sendo alteradas e reproduzidas em função das mudanças nas relações sociais contemporâneas. Estudar a emergência de uma identidade masculina nessa região é importante para desnaturalizar os papéis de gênero e para pensar outras formas de ser homem e mulher hoje no Nordeste. Em fase inicial, a proposta da pesquisa é analisar músicas de forró de bandas que se apresentam na região, além de observações nos shows/festas de forró e entrevistas com homens e mulheres que frequentam essas festas. Entendemos que é na pesquisa de campo que essas fontes podem estar sendo renovadas ou mesmo reinterpretadas sobre novas práticas sociais e de representações dos sujeitos.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. de. *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino* (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- _____. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Ed. Fim de Século, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.
- CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação In: _____. *O poder da identidade*. Vol II. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- FRASER, Nancy. *Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 291-308, maio-agosto/2007.
- HEILBORN, Maria L. *A primeira vez nunca se esquece*. Revista de Estudos Feministas, Rio de Janeiro, vol 6, nº 2, 1998.
- _____. Construção de si, gênero e sexualidade In: ____ (org.). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa In: VELHO, G. & KUSCHNIR, K. (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LECZNEISKI, Lisiane. *Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os gurus de rua*. Revista Horizontes Antropológicos – Gênero, Porto Alegre: PPGAS /UFRGS, 1993.
- LISBOA, Maria Regina A. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses In: PEDRO, Joana M. & GROSSI, Miriam P. (org.). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na interdisciplinaridade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 1998.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea In: SCHPUN, Mônica R. (org.). *Masculinidades*. SP: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.
- MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca In: HEILBORN, Maria L. (org.). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.



_____. *Aids, Sexualidade e Gênero: a lógica da proteção entre jovens de um bairro popular carioca*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, 1999b.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Discursos sobre a masculinidade*. Revista de Estudos Feministas, Rio de Janeiro, vol 6, nº 1, 1998.

_____. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RUBIN, Gayle. *O Tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do sexo* (mimeo). Tradução inédita em português, s/d.

SCAVONE, Lucila. *Estudos de gênero: uma sociologia feminista?* Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1):173-186, janeiro-abril/2008.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2), 1990, p.5-22.

VELASCO E CRUZ, Anette Goldberg. Os movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970-1980): primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.